

**Simpósio internacional *Circulação das idéias e história dos saberes geográficos: hierarquias, interações e redes*, Rio de Janeiro, 16-20 de dezembro de 2014.**

André Reyes Novaes – UERJ [andrerreyesnovaes@gmail.com](mailto:andrerreyesnovaes@gmail.com)

Federico Ferretti – Université de Genève [federico.ferretti@unige.ch](mailto:federico.ferretti@unige.ch)

Guilherme Ribeiro – UFRRJ [geofilos@mns.com](mailto:geofilos@mns.com)

Entre 16 e 20 de dezembro de 2014, no edifício histórico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), *campus* Praia Vermelha, ocorreu a conferência regional da Comissão de História da Geografia da União Geográfica Internacional (UGI). Graças ao envolvimento dos membros cariocas da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica (*Rede Brasilis*), Sergio Nunes Pereira (Universidade Federal Fluminense [UFF]) à frente, os cinquenta e quatro participantes oriundos do Brasil, Argentina, Chile, Peru, Estados Unidos, Índia, Espanha, Suíça e França compartilharam momentos muito agradáveis de trabalho e de convivência.

Um primeiro aspecto a destacar versa sobre o plurilinguismo de encontros como esse: as palestras e os diálogos com o público alternavam-se entre português, espanhol, francês e inglês. Apesar das dificuldades colocadas pela ausência de uma tradução simultânea, foi feito um esforço por parte da Comissão visando recusar qualquer hegemonia linguística e, sim, promover a utilização de uma pluralidade de idiomas científicos a partir da base de localização de cada uma das conferências periódicas organizadas pela referida Comissão. Dado o imperativo de expressar o mundo de outras maneiras, os conhecimentos geográficos devem, portanto, estar no centro desse processo, cujos efeitos políticos ainda estão em vias de realização em escala mundial.

Na impossibilidade de resumir todos os trabalhos, limitar-nos-emos a sintetizar alguns pontos temáticos e metodológicos que nos pareceram mais significativos e que representam grande parte dos pesquisadores que frequentam as conferências da Comissão de História da Geografia da UGI.

Inicialmente, a chamada para trabalhos inspirada pela idéia de circulação dos saberes é um indício de um progressivo afastamento perante as narrativas tradicionais focadas ao redor da noção positivista de um desenvolvimento progressivo e linear da ciência geográfica, perspectiva esta limitada a um olhar nacional (quase sempre nacionalista) versando sobre as chamadas “Escolas Nacionais”. Esta forma de conceber a história da disciplina foi a vezes responsável por encerrá-la nos círculos universitário e acadêmico, tendo como consequência o

esquecimento do papel mais amplo jogado pela geografia em nossas maneiras de conceber o espaço, de representar as imagens que temos sobre o mundo e de entender a modernidade. Igualmente, não nos restringimos mais à história das idéias de gênero “internalista”; pelo contrário, interessamo-nos cada vez mais pelos processos sociais por meio dos quais os saberes são elaborados. Evocado no título da Conferência, o conceito de *rede* é tido de agora em diante como elemento central de um enfoque da história da geografia que incorpora as ferramentas conceituais e metodológicas da sociologia das ciências. Com frequência, tal conceito aproxima-se ao de *circulação*, e uma grande parte das comunicações debruçaram-se sobre experiências de cooperação científica internacional e de transferências culturais, analisando as vantagens e os empecilhos ligados à tradução das idéias e dos saberes entre diferentes espaços geográficos.

Outro instrumento fundamental para compreender a produção e a circulação de saberes é a análise de suas localizações. Tal como uma rica literatura internacional vem revelando, o espaço assume seu papel na construção científica, e os lugares de produção são considerados atores de destaque neste processo. Trata-se, enfim, de situar a ciência em seu lugar e em seus contextos, que podem implicar em uma gama de lugares (institucionais, universitários ou extra-universitários) no interior dos quais estão atores científicos, editores, sociedades intelectuais, circuitos políticos e militantes... De modo geral, isto nos permite entender a indissociabilidade entre a *política* e a *geografia* dos saberes. O estudo destes lugares de produção pode fornecer um conjunto de experiências sociais, econômicas, culturais e ideológicas: afinal, mesmo se o planeta é cada vez mais mundializado, os sujeitos do conhecimento científico não deixam de ser/estar localizados e situados em seus hábitos, línguas e costumes.

Várias apresentações também abordaram a crítica aos mapas imperiais, assim como a questão da constituição dos saberes coloniais ou produzidos em situação colonial. Habitualmente, a história da cartografia ocupa lugar de destaque em tais abordagens: embora reconheçamos a relevância da fotografia, da pintura e do cinema, as cartas ainda parecem ser consideradas as representações espaciais da geografia por excelência. Por meio dos aportes críticos visando desconstruir as hierarquias e os contextos de produção dos mapas, a história da cartografia pode contribuir para a atual emergência de diferentes formas de contar a história da geografia. De qualquer modo, observamos uma apreciação das imagens como fontes de informação para o estudo da produção e da circulação do conhecimento geográfico.

No que concerne às atividades externas, os participantes do Colóquio tiveram a chance de realizar uma visita ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro (<http://www.jbrj.gov.br/>), bem

como à Biblioteca Nacional (<http://www.bn.br/>), onde suas ricas coleções de cartografia e de manuscritos foram apreciadas. Esta exposição foi organizada especialmente para os congressistas; porém, em seguida, a Biblioteca Nacional achou por bem divulgá-la ao público em geral (<http://www.bn.br/acontece-bn/agenda/2014/12/geo-grafia-escrita-leitura-terra-livro-raro>).



**19 Dezembro 2014: Visita na Biblioteca Nacional**

Após a reunião final de trabalho, a Comissão supracitada reforçou seu engajamento no sentido de levar as temáticas da história da geografia para os próximos congressos da UGI — notadamente, Moscou em 2015 e Pequim em 2016 —, bem como às conferências regionais independentes que, até o momento, possuem notório êxito. No que tange a Moscou 2015, lançou-se uma chamada suplementar para uma sessão comum junto à Comissão Geografia Política, seguindo a experiência pioneira ocorrida em agosto de 2014 em Cracóvia. Inspirada

pelo célebre artigo de Piotr Kropotkin *How Geography Ought to Be* (1885)<sup>1</sup>, a nova sessão conjunta interrogará a geografia (política) como instrumento de paz.

Ademais, na sequência do ocorrido na Conferência de 2013 em Manchester, uma sessão da Comissão de História da Geografia acontecerá no âmbito do XXV Congresso Internacional de História das Ciências, da Tecnologia e da Medicina, a ser realizado em 2017 na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é o de demandar uma participação substancial de geógrafos interessados em história das ciências e, particularmente, na história de sua disciplina.

Para finalizar, se em 1891 Élisée Reclus pôde escrever, a propósito de um projeto em colaboração com o geógrafo alemão Albrecht Penck, que “através de nossa aliança, sairemos desse abominável e vergonhoso impasse entre ‘ciência francesa e ciência alemã’ que dói no coração<sup>2</sup>, atualmente podemos dizer que instituímos nossos esforços por uma história cosmopolita da geografia.

---

<sup>1</sup> Uma versão em português desse texto foi publicada na *Seleção de Textos* da AGB, n.13, março, pp.1-9, 1988.

<sup>2</sup> E. Reclus, *Correspondance*, vol. III, Paris, Schleicher, 1925, p. 101.